



MORADIA COMO LÓCUS DE CIDADANIA: ACOLHER E EDUCAR

HOUSING AS A LOCUS OF CITIZENSHIP: WELCOMING AND EDUCATING

Ingrid Hötte Ambrogi*

Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM

 <https://orcid.org/0000-0001-8697-7047>

ihambrogi@gmail.com

Célia Toledo Lucena*

Centro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU

 <https://orcid.org/0000-0003-0651-5630>

ctlucena@gmail.com

RESUMO: A cidade e seus territórios são palco da multiplicidade de interações reguladas por fatores econômicos, políticos, culturais; dessa maneira se estrutura e configura a partir dos tensionamentos existentes, na disputa por direitos essenciais. como: acesso à habitação, educação, saúde, cultura. A busca pela habitação da população menos favorecida indica algumas das mutações no espaço urbano, faz com que a cidade crie e recrie a configuração de suas fronteiras limitantes ou de suas bordas permeáveis às trocas e ao direito à cidade.

PALAVRAS – CHAVE: Cidadania; moradia; território, direito à cidade.

ABSTRACT: The city and its territories are the stage for a multiplicity of interactions regulated by economic, political, and cultural factors. In this way, it is structured and configured based on existing tensions, the dispute for essential rights. such as: access to housing, education, health, and culture. The search for housing for the less favored population indicates some of the

* Doutora em História Social - FFLCH -USP (2005), Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano IP-USP (1997), graduada em Pedagogia pela PUC-SP (1985). Atualmente é professora do Programa de Pós Graduação em Educação Arte e História da Cultura e do Curso de História da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

* Pesquisadora do CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos FFLCH -USP), mediadora do GEMI (Grupo de Estudos Migrações e Identidades).

mutations in urban space, causing the city to create and recreate the configuration of its boundaries or its permeable borders to exchanges and the right to the city.

KEYWORDS: Citizenship; housing; territory, right to the city.

INTRODUÇÃO

Todo ser humano necessita de abrigo e de um lugar em que possa estabelecer suas relações interpessoais. Nesse sentido, a evolução humana passa pela estruturação que cria através de várias possibilidades como; ajuntamentos, tribos, vilas, cidades, megalópoles entre outros arranjos que se constituíram durante sua história. A partir dessa organização emerge no século VIII A.C, na Grécia o conceito de cidadania, no latim *civitas* quer dizer cidade, ou alguém que nasce em uma cidade.

Diante da necessidade de proteção, convívio, reconhecimento entre semelhantes é que os territórios humanos passam a ser divididos e a sua organização fica cada vez mais complexa, acompanhando a própria organização cidadina. A estrutura que modela e regula as relações em agrupamentos humanos se torna cada vez mais complexas, vão sendo estabelecidas através de relações de poder e diante da legitimação dessas diferenças, o território passa a ser subdividido em diferentes locais, para diferentes grupos de pessoas de um mesmo aglomerado humano. Assim se constituem as cidades que conhecemos, através de seus ritos e de sua organização.

Le Goff em seu livro “Por amor às cidades”, retoma as várias facetas pertencentes ao processo de construção das cidades, dos quais destacamos;

A cidade contemporânea apesar de grandes transformações está mais próxima da cidade medieval do que esta última da cidade antiga. A cidade da Idade Média é uma sociedade abundante, concentrada em um pequeno espaço, um lugar de produção e de trocas em que se mesclam o artesanato e o comércio, alimentados por uma economia monetária. É também

o cadinho de um novo sistema de valores nascido da prática laboriosa e criadora do trabalho, do gosto pelo negócio e pelo dinheiro. É assim que se delineiam, ao mesmo tempo, um ideal de igualdade e uma divisão social da cidade, (...). Mas a cidade concentra também os prazeres, os das festas, os dos diálogos na rua, nas tabernas, nas escolas, nas igrejas e mesmo nos cemitérios. (LE GOFF, 1998, p.25)

A constituição da cidade e em especial o estar na cidade e ser considerado cidadão, revela a apropriação de pertencer a um território, nesse sentido o geógrafo Milton Santos traz uma reflexão crítica em seu livro “O espaço do cidadão” em que afirma; “Cada homem vale pelo lugar que está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende da sua localização no território.” (SANTOS, 1987, p.81). Cada um em seu lugar vai definindo territórios, relações de poder, papéis sociais, hierarquia social, pertencimento, assim o direito à cidadania é praticado.

Os territórios ao longo do tempo se transformam diante daqueles que o habitam, ou seja, a partir da valorização de um território em detrimento a outro, sendo que os seguimentos sociais acompanham essa metamorfose. A valorização de um bairro, por exemplo, é mutante, passa por fases em que um território pode ser considerado melhor para se habitar em detrimento a outro com piores condições, esse fator determina a manutenção ou a expulsão de grupos que são ou não considerados adequados para habitá-lo. Santos reitera, “Enquanto um lugar vem a ser condição de sua pobreza, um outro lugar poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso àqueles bens e serviços que lhes são teoricamente devidos, mas que, de fato, lhes faltam” (SANTOS, 1978, p.81). Nessa direção, algumas indagações surgem sobre os territórios, como são construídos, habitados, transformados pelos grupos humanos? Indagações essas que desembocam em muitas particularidades e complexidades.

A concentração de segmentos do mundo econômico nas grandes cidades faz com que algumas delas recebam ao longo do tempo um contingente

populacional originário de diferentes regiões e países, passando as metrópoles a exibir uma diversidade étnica, cultural, gerando grandes problemas habitacionais. O fenômeno dos deslocamentos contemporâneos das modalidades migratórias caracterizadas por cenários de violência, guerras civis, conflitos religiosos e ideológicos e problemas ambientais, agravam o problema. Assim, a modalidade do refugiado entra em cena, devido a grave e generalizada violação de direitos humanos em que é obrigado a deixar seu país de origem para buscar refúgio em outro.

O novo espaço para os novos personagens sociais estimula exercícios de adaptação, da construção de novos saberes, novas formas de sociabilidade e de sensibilidades. A cidade se apresenta ao protagonista, ao estudioso, ao visitante, ao migrante um enigma a ser decifrado. “O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar” (LEFEBVRE, 2001, p.135). As funções da cidade se ajustam diante de um emaranhado de questões, tais como: sua relação ao território, a divisão técnica e social de trabalho, hierarquias administrativas e ainda das relações cidade-campo (LEFEBVRE, 2001).

Sendo assim, em cidades consideradas metrópoles o problema habitacional se relaciona com as categorias de: cidadania, direito à cidade, migrações; assim o habitar torna-se essencial para sustentação da vida humana. Não se pretende aqui a ampla análise de múltiplos enfoques habitacionais sobre a cidade de São Paulo, mas um olhar focado sobre territórios que fazem parte do centro da capital e os tensionamentos existentes na disputa pelo direito de moradia com alguns exemplos de tipologias significativas. Diante das dimensões estruturais da cidade novas configurações e fronteiras são criadas, novos espaços são usados como habitação expandindo a criatividade humana diante da necessidade da busca por proteção e do tensionamento diante dos efeitos da especulação imobiliária. A megalópole contemporânea com alto contingente populacional permite estudos teóricos e metodológicos que

possibilitam ao investigador múltiplos olhares sobre problemas urbanos, muitos ampliados pela deterioração da condição humana, questões de justiça social e de políticas públicas.

Este estudo partiu de dados coletados em visitas participativas em ocupações de onde percebeu-se a cidade de São Paulo como um laboratório de análise da questão habitacional. Os caminhos metodológicos se constituíram de uma trama de conversas e diálogos em ocupações, com intuito de colher informações; da análise de filmes, vídeos e leitura de publicações sobre os modos de morar em São Paulo. Dessa maneira, optou-se por analisar territórios centrais e formatos diferenciados de moradias: o caso de cortiços do Bairro do Bixiga de ocupações verticais do centro da cidade. Diante das ocupações verticais apresenta-se duas situações diferenciadas, uma realidade resultado de movimentos de moradia e outro exemplo, prédios em áreas que sofreram significativa deterioração.



www.revistafenix.pro.br

ALGUMAS LEITURAS DAS BORDAS E FRONTEIRAS NA CIDADE DE SÃO PAULO

É importante compreender a origem do conceito de território que advém de estudos de zoologia e botânica do século XVIII, refere-se ao predomínio de um determinado tipo de planta ou animal em uma região. Tomando este conceito para compreender os diferentes lugares de uma cidade, podemos associar estes a grupos humanos, que diante de certas características se fixam em um dado local. Esses lugares podem representar segundo Boaventura de Sousa Santos (2002), fronteiras difíceis de transpor ou como bordas, que são permeáveis a fluxos de diferentes pessoas. O exemplo dado por ele atribui a rigidez às fronteiras e a maleabilidade à borda, a primeira só se altera a partir da disputa e a segunda é permeável aos fluxos existentes. Uma das questões essenciais que vinculam valor aos diferentes territórios das

idades é o acesso a bens e serviços como; água, luz, esgoto, transporte, escolas, equipamentos culturais, parques entre outros. Outro aspecto que atribui significado ao território se refere ao tipo de moradia existente em cada um desses lugares, bem como a ambiência desses locais, a presença de regiões arborizadas, ruas pavimentadas, segurança, comércio local entre outros aspectos que são mutáveis de acordo com uma dada época. São muitas questões que atribuem significados ao território, serviços, infraestrutura básica e outros atrativos. Sem dúvida, as escolhas feitas, ou as possibilidades existentes são denominadores que se apresentam às pessoas na cidade de São Paulo ao buscar fixar moradia, estão sujeitas as complexidades de fronteiras e bordas presentes.

Le Goff (1998), atribui à cidade ser um vasto campo de estudos que permite a compreensão de sua própria existência como um artefato humano, em um dado local geográfico. Assim como para Meneses (2001, p.26), a cidade como artefato é gerada pelo homem e apropriada por ele de forma que “Todo artefato é ao mesmo tempo produto e vetor de relações sociais, a cidade é também lugar onde agem as forças múltiplas territoriais de formação e pressões sociais etc”. O homem se apropria do espaço, estabelece relações sociais, lida com pressões, faz escolhas e enfrenta dificuldades. A cidade, sem dúvida, envolve o habitar, lugar de vida privada, ponto de partida e de chegada, compondo os ritmos e ocupações na vida cotidiana.

A construção de um imaginário histórico remete a princípios universais, considera as permanências mentais que segundo Pesavento: “o imaginário se torna um conceito central para a análise da realidade, a traduzir a experiência do vivido e do não vivido, ou seja, do suposto, do desconhecido, do desejado, do temido, do intuído (2008, p.47).

A relação sujeito/espaço tem na perspectiva de Santos (1985), a apropriação do lugar, para tanto, “O espaço, considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado, a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na atualidade.”

(SANTOS,1985, p.22). A apropriação é feita muitas vezes por meio de intuição, por meio de medo do desconhecido, com buscas de sonhos e experiências desejadas. Assim, a cidade de São Paulo apresenta uma gama infinita de espaços, de tipos de moradia, de acertos e de desacertos. O processo de territorialização é sempre uma busca de identificação dos sujeitos. Os moradores buscam maneiras de ganhar a vida, a comunidade define um modelo para o seu cotidiano ligado às práticas de ocupação do espaço, o território.

Busca-se a partir da região central da capital paulista exemplificar três diferentes possibilidades de moradia e de apropriação da cidade, desta maneira apresenta-se um bairro icônico da região central que ao longo de sua trajetória foi constituído por moradias coletivas e pela presença na atualidade de muitos cortiços. A seguir dentre os denominados “ocupações verticais”, uma realidade atual que se apresenta no centro da capital paulistana é a existência de movimentos de moradia com a instituição de ocupações e o terceiro exemplo é a área próxima ao mercado municipal às margens do rio Tamandateí, região que passou por significativa deterioração, mas que possuiu modelos de habitação popular na década de 50 que dialogavam com a existência de grande oferta de trabalho na região central da cidade.

BAIRRO DO BIXIGA: CASARÕES COMO HABITAÇÕES COLETIVAS

Para uma reflexão sobre leitura de bordas e fronteiras na cidade de São Paulo, o bairro do Bixiga é um laboratório privilegiado para estudar questões como apropriação do lugar, experiências do vivido no urbano paulistano e ainda resistência pela manutenção de tradições e de identidades.

O território histórico identificado como Bixiga recebe um fluxo de imigrantes italianos no final do século XIX, e compartilham espaços com negros já fixados na baixada da várzea do córrego Saracura. O lugar passa ser um

espaço convidativo também para migrantes internos, como os nordestinos, que buscam viver em proximidades ao centro da cidade a partir de 1950. Assim, o território cria uma pluralidade de códigos e sinais multiculturais que propiciam manifestações, práticas e costumes compartilhados e híbridos; passando a ser um dentre outros bairros centrais que utilizam a moradia coletiva como forma de habitação. Diante da diversidade migratória, é importante ressaltar as singularidades contidas no território do Bixiga, bairro marcado por italianos menos favorecidos, vindos, majoritariamente, do sul da Itália, em particular da Calabria, e exercendo atividades populares e artesanais. Assim, os imigrantes italianos ao chegarem em São Paulo, adquiriram terrenos na localidade e compartilharam uma vivência diária com negros recém-libertos, vindos do interior quanto pelos refugiados em quilombos na região da Saracura (LUCENA, 2022).

Dessa forma, há a construção de uma aura de permeabilidade no bairro do Bixiga na convivência entre diferentes grupos, de um lado promove a absorção dos costumes e de outro a manutenção e transformação de tradições recriadas. Mostra a possibilidade de agregar pessoas sem medo da perda da identidade. O conagraçamento pode ser observado em festas como a de N.S. da Achiropita, padroeira do bairro, ligada à colônia italiana, que amplia em suas festividades à participação de toda a comunidade, divulgada pela mídia que reforça a tradição italiana do bairro. Da mesma maneira, a Escola de Samba Vai-Vai, reduto do samba paulista, tem a participação dos moradores sem distinção nos ensaios, que são abertos na rua e todos se reúnem para ensaiar ou assistir.

A preservação do patrimônio do Bixiga passa pela visibilidade das pessoas que dão sentido a esses bens, a história deve congrega os múltiplos olhares e sentimentos dos habitantes diante do território habitado. A cidade como um todo deve tornar a memória algo vivo e desejado pela maioria. Assim é possível gerar uma reconexão em especial com o entrelaçamento das

memórias pessoais à história existente, na criação de sentidos dados pelos sujeitos para possibilitar a preservação do patrimônio.

A memória da cidade ao ser reconhecida pela maioria da população como algo a ser preservado, possibilita mudanças, assim a história de cada território deve ser considerada como baliza para as decisões nas intervenções urbanas. Desse modo é preciso ver o interior da memória da cidade, abrir a sua “caixa preta” e buscar compreender o que ocorre em cada espaço em particular, gerar a partir da realidade local, em especial reivindicada por seus moradores e seus modos de reconhecer a cidade. Segundo o sociólogo Halbwachs (1950) a memória pode ser definida como; o que ainda é vivo na consciência do grupo, para o indivíduo e para a sua comunidade. A referência de memória vem do fenômeno individual, íntimo e próprio das pessoas. Também pode ser coletiva, com característica mutável, flutuante, com marcos ou pontos invariantes. Tanto a memória individual quanto a coletiva faz parte de acontecimentos vividos pessoalmente.

Podem ser também acontecimentos a partir da experiência alheia, ou seja, foram vividos pelo grupo ou pelo coletivo a que pertence a pessoa que vivenciou este(s) acontecimento(s). Muitas vezes, não houve participação direta, mas através de uma narrativa, um relato que é incorporado ao imaginário e passa a ser considerado de importância por aquela(s) pessoa(s). (POLLAK, 1992, p.201).

Territórios, portanto, em diferentes momentos passam a ser mais acolhedores e receptivos que outros, o bairro do Bixiga é um pequeno território paulistano que traz ao longo de sua trajetória exemplo de permeabilidade e disputas na medida em que passa de um local desprezado a um local desejado.

Durante várias décadas o território manteve sua originalidade, especialmente por suas características topográficas e a configuração das moradias, que mesclam cortiços, casas com quintais coletivos, vielas em sua parte mais baixa, próxima a grotas. Esse foi um dos aspectos que preservou as

características do bairro até por volta de 1950, ocasião que inicia transformações urbanas de grande porte com a construção de avenidas e viadutos que cortaram o bairro. Todavia, em 1980, quando despertou o interesse de arquitetos, museólogos, artistas, jornalistas, historiadores e moradores por sua preservação, pela diversidade das construções e a manutenção de suas características originais, o que promoveu o tombamento de muitos imóveis na área.

Em sua trajetória alguns fatos são importantes de se destacar, o Bexiga foi incorporado ao Distrito da Bela Vista, cartografado em 1910. A definição do nome foi atendida após um abaixo-assinado pelos moradores, de várias etnias, que queriam dar atenção a “bela” visibilidade ao bairro. A partir de 1878 os anúncios publicados na Província de São Paulo referem-se a lotes a venda como sendo localizados nos “Campos do Bexiga”, “Pastos do Bexiga” e ainda “Matas do Bexiga”. Com o passar de poucos anos o bairro passa a ser denominado de Bela Vista, por alguns dos moradores. O nome do distrito foi desvinculado, ao menos oficialmente, do nome “Bexiga” que naquela época era visto negativamente como um local de pobreza, prostituição e vinculado a história antiga de refúgio de escravos fugidos. O espaço que permanece com nome de Bexiga hoje é um território histórico, dentro da Bela Vista, todavia não é distrito na divisão administrativa da capital. Vale comentar que o território assume a grafia com “i” na década de 1980. Assim, refere-se a grafia com “e”, Bexiga, quando se faz referência à época histórica ou a documentação que se registrou dessa forma. Atualmente divulgou-se a grafia com “i” (LUCENA, 2021).

Para Armandinho, descendente de italianos, fundador do Museu Memória do Bixiga registrou:

Na verdade, eu faço uma distinção entre Bixiga e a Bela Vista. Deixa eu explicar: O Bixiga não existe oficialmente. O Bixiga é o centro da Bela Vista (...). O Bixiga é um estado de espírito, você sente quando está no Bixiga, você cheira o Bixiga (MORENO, 1996, p. 117).

O bairro possui uma ambiência ainda hoje que é capaz de deslocar seus visitantes para uma São Paulo que não existe mais, o conjunto de edificações traz uma amostragem significativa de tipos de casas populares, casas de classe média e palacetes, pode ser considerado exemplares de moradia existentes entre o final do século XIX até meados do século XX da capital paulista e em especial do Bixiga.

Essa ambiência traz o que se pode associar ao espírito do lugar, retoma a antiga noção romana do *genius loci*, elo sagrado vinculado ao habitar, o estar em paz, o sentir estar em um lugar protegido. Os próprios atores justificam que o “bairro é um estado de espírito”, essa expressão significa a sensibilidade expressa no ambiente, que mobilizou seresteiros, musicistas, apreciadores e moradores de diferentes segmentos.

No caso do Bixiga, esse “espírito do lugar” é ressignificado em torno de uma essência vinculada ao histórico do bairro, às tradições culturais que mantêm, estabiliza e conduz determinadas práticas. Os italianos assim que chegaram compraram lotes e construíram casarões com perspectiva de acolher os familiares, alocados em respectivos andares, em moradias distintas, porém em um único casarão. A casa manteve na continuidade dos tempos a característica de ser subalugada e atender o público migrante, resultado da migração interna a partir dos anos de 1950. Essa maneira cotidiana, resultado de práticas africanas e italianas cria códigos de convivência que se tornam mais evidentes nas maneiras de habitar, de festejar, de celebrar. Eventos e festejos traduzem o que há de mais consolidado nas tradições que são mantidos no bairro, gerando uma sinergia para manutenção dessa maneira de estar no mundo. Esse acolhimento que o bairro proporciona, oferece hospitalidade, sociabilidade e comensalidade, dando ao espaço marcas identitárias, diversidade étnica. Passando a cidade ser um espaço dos prazeres, das festas,

dos diálogos na rua, nas tabernas, nas cantinas, nas escolas, na igreja, na escola de samba e no candomblé.

Figura 1. Cortiço Navio Negroiro: Rua Treze de Maio, 1982



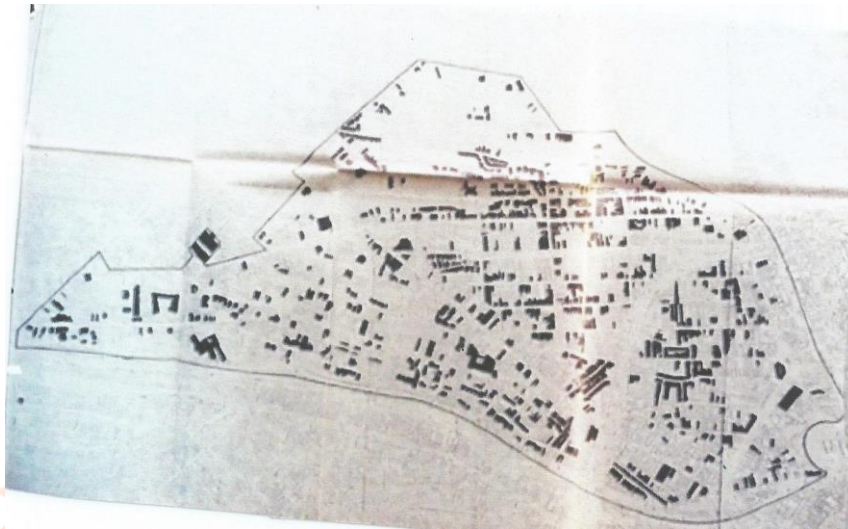
Fonte: Acervo pessoal da autora

A habitação coletiva é concentração populacional, reduto de sociabilidades. Os cortiços do Bixiga no passado já abrigavam italianos, negros, portugueses e espanhóis. Havia repulsa aos negros taxados por de “má índole”, por conta dos locadores que temiam a irregularidade dos pagamentos. Depoentes afirmaram que havia rivalidade entre negros e italianos, mas as desavenças terminavam em “pizza”. (LUCENA, 2013). Hoje os casarões abrigam migrantes nordestinos e mineiros e um pequeno grupo de refugiados. Um bairro sem indústrias, mas o morador com habilidade em comensalidade encontra trabalho nas cantinas do próprio bairro.

Uma das características marcantes do bairro, além da associada às cantinas italianas é um número grande de imóveis tombados (497 imóveis), cerca de um quarto do número total da cidade de São Paulo. Muitos desses imóveis são construídos a partir de uma perspectiva coletiva, como casas e cômodos de aluguel, comuns no início do século XX. O Bixiga é um território

incrustado entre o centro velho da cidade de São Paulo sua parte mais próxima ao centro é denominado como grota, onde desaguam córregos e ribeirões e a em sua parte mais alta margeia avenida Paulista, sendo esta a área nobre desde a sua origem, habitada pela elite paulistana na virada do século XIX para o XX.

Figura 2. Imóveis inventariados pelo Igepac Bela Vista em 1984



Fonte: São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, 1990, v.2 *In*: TIRELLO;VERCELLI, 2018, p.7

O Bixiga passa por inúmeras fases de apropriação e dentro do seu território há diferentes tipos de moradia, no entanto, sua exígua dimensão cria uma sinergia de convívio. Outra característica marcante é a existência cortiços em imóveis tombados, alguns deles administrados por prepostos de seus proprietários para não serem identificados e autuados pelas condições inapropriadas para moradia coletiva, regulamentada.

Ao tratar de tipologias de moradias urbanas, vale incluir a legislação de 1990 com definições sobre cortiço:

LUIZA ERUNDINA DE SOUSA, Prefeita do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por Lei. Faz saber que a Câmara Municipal, em sessão de 13 de dezembro de 1990, decretou e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Define-se cortiço como a unidade usada como moradia coletiva multifamiliar, apresentando, total ou parcialmente, as seguintes características:

- a) constituída por uma ou mais edificações construídas em lote urbano;
- b) subdividida em vários cômodos alugados, subalugados ou cedidos a qualquer título;
- c) várias funções exercidas no mesmo cômodo;
- d) acesso e uso comum dos espaços não edificadas e instalações sanitárias;
- e) circulação e infraestrutura, no geral precárias;
- f) superlotação de pessoas.

Lei de proteção ao encortiçado

Parágrafo Único. Serão solidariamente responsáveis pelas condições de habitação, perante o Poder Público, o proprietário, o locatário-sublocador, terceiros que tomem o lugar destes e/ou o responsável pela exploração do cortiço.

Art. 3º Independentemente de outras normas aplicáveis, consideram-se as condições mínimas de habitação, para os fins desta Lei, as seguintes:

- a) (VETADO)
- b) (VETADO);
- c) (VETADO);
- d) área mínima do cômodo ou divisão não inferior a 5 m² (cinco metros quadrados), com sua menor dimensão não inferior a 2 (dois) metros;
- e) adensamento máximo de 2 (duas) pessoas por 8 m² (oito metros quadrados), considerando toda a área construída da edificação, vedado o revezamento;
- f) banheiro revestido de piso lavável e de barra impermeável até 2 (dois) metros de altura;
- g) os banheiros serão dotados, pelo menos, de vaso sanitário, lavatório e chuveiro em funcionamento, compartimentados, sempre que possível, de forma independente, com abertura para o exterior;
- h) haverá no mínimo 1 (um) tanque, 1 (uma) pia e 1 (um) banheiro para cada grupo de 20 (vinte) moradores;
- i) o pé direito será de, no mínimo, 2,30 m (dois metros e trinta centímetros);
- j) as escadas e corredores de circulação terão, pelo menos, 80 (oitenta) centímetros de largura.

Parágrafo Único. A Prefeitura poderá, em casos excepcionais, tolerar padrões inferiores àqueles previstos nas alíneas "b", "c", "d", "e", "i" e "j", se comprovar que as características concretas do imóvel apresentam condições razoáveis de habitabilidade. (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, aos 20 de dezembro de 1990).



OCUPAÇÕES VERTICAIS NO CENTRO DE SÃO PAULO

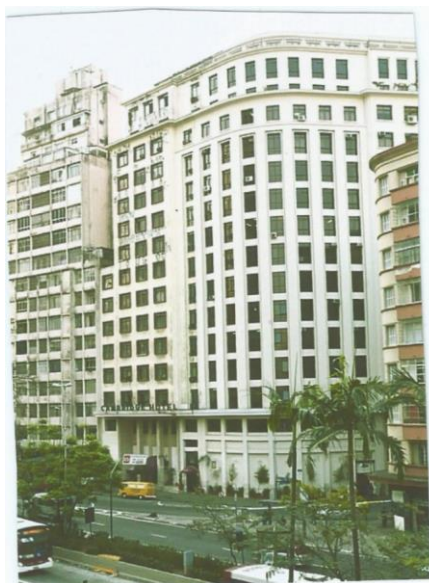
A cidade de São Paulo desempenha o papel de receber de forma contínua pessoas de vários países e de muitos estados brasileiros. Como já foi dito acima, os migrantes enfrentam em seu percurso: questões de partida, do deslocamento e de acomodação em país de destino.

Objetiva-se fazer a seguir algumas reflexões sobre a questão habitacional na metrópole de São Paulo em habitações identificadas como ocupações verticais, sendo assim, vale exemplificar alguns casos, como o Edifício São Vito, o Mercúrio e o Hotel Cambridge. São experiências que refletem dificuldades, complexidades, contradições e lutas no uso de moradias em edificações na região central da cidade. O critério de escolha das respectivas unidades foi olhar as diferentes histórias e os resultados obtidos por estas moradias verticais.

O Hotel Cambridge tem uma longa história, junto a uma região de grande fluxo, a avenida Nove de Julho. Foi inaugurado em 1951, sendo na ocasião um notável espaço hoteleiro que recebeu personagens notáveis, tais como: Nat King Cole, Dick Farney e outros. Funcionou como hotel até 2002. O prédio já no início dos anos 2000 teve visibilidade por abrigar festas temáticas na noite paulistana. Com o passar do tempo foi perdendo o glamour, em 2004 o prédio já estava abandonado e em 2011 foi desapropriado por conta de suas dívidas de IPTU. A Prefeitura de São Paulo desapropriou o local após uma batalha em razão das dívidas dos proprietários com o Imposto Predial e Território Urbano (IPTU). Em 2012 foi ocupado por Movimento de Moradias (MSTC), em 2016 foi integrado no Projeto do governo federal “Minha casa, minha vida”. Em janeiro de 2023, os beneficiários assinaram contrato com Caixa Econômica Federal, os primeiros proprietários haviam começado a chegar no ano anterior (BITAR, 2023). Hoje a edificação recebe o título de Residencial Cambridge, preserva aspectos originais da histórica de sua

construção com 17 andares. Os apartamentos no valor de 113 mil, foram financiados e são oferecidos para moradia a muitos que se engajam na luta da casa própria.

Figura 3. Fachada do Residencial Cambridge



Fonte: Disponível: <https://olhardepaisagistaparahoteis.blogspot.com/p/hoteis-urbanos.html>; Acesso 31/08/202.

Figura 4. Moradora Selma de Oliveira em frente ao Residencial Cambridge



Fonte: Disponível: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/26/residencial-cambridge-11-anos-apos-ocupacao-antigo-hotel-de-luxo-no-centro-de-sp-vira-conjunto-de-moradias-populares.ghtml> Acesso 31/08/2023.

Selma (2023) sobre sua luta diz:

“Eu posso levar para história e mais tarde, lá velhinha, contar para os meus netos e bisnetos: olha, eu entrei numa luta de moradia que ninguém dizia que ia dar certo, ninguém tinha uma certeza, vários desistiram, foram embora e hoje muitos deles se arrependem.” Disponível: : <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/26/residencial-cambridge-11-anos-apos-ocupacao-antigo-hotel-de-luxo-no-centro-de-sp-vira-conjunto-de-moradias-populares.ghtml> Acesso 31/08/2023.

Diante da documentação sobre a história do Edifício, cenas do filme; “Era o hotel Cambridge”, dirigido por Eliane Caffé, rodado entre 2014/15 e exibido em 2017, apresenta relatos de famílias, de protagonistas de momentos de ocupação, da tentativa de desocupação e de reintegração de posse do edifício.

A ocupação do Cambridge foi significada pela imprensa apontando o filme como: “Refugiados recém-chegados ao Brasil dividem com um grupo de sem-teto um velho edifício abandonado no centro da cidade.” Carmen da Silva, líder do movimento contrapõem: “Somos todos refugiados, pela falta de nossos direitos”. Já Issan, um palestino argumenta: “Queria agradecer vocês, a minha vida toda vivi num país ocupado, pela primeira vez eu me sinto ocupando alguma coisa” (CAFFÉ, 2017). O filme revela a tensão diária: ameaça de despejo, dramas, angústias e diferenças culturais entre os moradores.

Instigantes entrevistas com moradores atuais, expressas no vídeo “Conheça a história do antigo Hotel Cambridge que era ocupação agora é moradia acessível”, disponível no *youtube*, fornecem relatos de moradores. Assim, sentimentos de luta estão expressos em suas falas: “Estou realizando meu sonho morando aqui na nove de julho, estou conseguindo com um apartamento que é meu (...). Que alegria eu tenho hoje”. “A gente pode morar no centro e trabalhar aqui mesmo”. Os atuais moradores expressam suas conquistas e ainda demonstram a necessidade de uma maior consciência por

parte de governantes. Apontam que: “Não é só o movimento de correr atrás disso, os governantes deveriam ver isso também”. E outro morador assinala que a realização atende “a necessidade de âmbito habitacional e necessidade da família” do direito de ter uma moradia, um espaço próprio para sua vida cotidiana. (ALMA PRETA JORNALIMO, 2022).

Outro exemplo marcante na cidade de São Paulo foi o percurso do edifício, São Vito, originalmente composto por quitinetes, feitas como habitação para a grande leva de funcionários que trabalhavam no centro velho da cidade nos anos de 1950, era considerado o coração das instituições públicas e suas repartições.

Assim como outros territórios da cidade, as várzeas de rios eram consideradas terrenos mais acessíveis às classes menos abastadas. No caso das margens do rio Tamanduateí, se considerava um lugar apazível, diante das margens gramadas e arborizadas com chorões, em um rio que proporcionava diversões náuticas.

A propaganda abaixo de venda de unidades de apartamentos do edifício Mercúrio, vizinho do edifício São Vito, com características para habitação familiar, com dois dormitórios, banheiro, cozinha, terraço quarto e WC de empregada, indica um valor de CR\$ 370.000,00, sendo 5% de entrada e o restante em parcelas fixas a longo prazo, este exemplo serve como parâmetro da possibilidade de as classes populares terem uma habitação digna e próxima de bens e serviços.

Figura 5. Propaganda de venda das unidades de apartamentos do edifício Mercúrio



Fonte: <https://novo.saopauloantiga.com.br/edificio-mercúrio/> acesso 31/08/2023.

Com o passar do tempo entre as décadas de 50 e 90 do século XX o eixo econômico e administrativo da cidade de São Paulo muda de lugar e paulatinamente, o centro velho foi sendo abandonado. Muitos prédios comerciais alteram o tipo de ocupação e o antigo espaço dos escritórios e departamentos de empresas dão lugar para lojas populares, serviços de concerto de canetas, relógios, oficinas de costura entre outros.

As repartições com suas dezenas de funcionários passam também pelo impacto das tecnologias da informação, o mundo do trabalho se altera e diante das mudanças de estrutura, o funcionamento do centro vai se tornando um local cada vez mais popular e aos poucos degrada.

As lojas também mudam sua estratégia de venda preferindo as lojas de shoppings centers que invadem a cidade em um fluxo avassalador reduzindo as lojas de rua, assim a configuração da cidade se altera e com ela os territórios e bairros igualmente. Se nas décadas de 50 e 60 um funcionário de repartição pública poderia morar próximo ao seu trabalho, usufruir dos espaços culturais como teatros, cinemas, restaurantes, praças, parques entre outros, que se concentravam na região central da cidade, no limiar do século XXI a configuração da cidade é outra.

Em decorrência desses fatores o centro da cidade se torna cada vez mais pauperizado, assim como as antigas habitações passam de ser habitadas por proprietários a serem alugadas com preços cada vez mais baixos. No caso dos edifícios São Vito e Mercúrio a degradação é tão grave que o poder público intervém e desocupa os prédios em 2004.

Durante a gestão da prefeita Marta Suplicy (2001-2004), houve uma tentativa de requalificação, especialmente do edifício São Vito que possuía 25 andares com um total de 600 quitinetes. Diante do déficit de moradia manter o edifício seria uma estratégia interessante, na medida que para as classes populares morar na região central significaria ter acesso a serviços como educação, transporte, equipamentos culturais entre outros.

No entanto, realizar uma obra dessa envergadura necessitava de apoio político para liberação de verba entre outras necessidades que envolviam acordos que não ocorreram. Houve ainda a tentativa de retomada do projeto em gestões subsequentes, mas com o passar do tempo o edifício é reocupado por pessoas sem moradia que enfrentaram uma estrutura ainda mais degradada.

Parte da imprensa noticiou situações de vulnerabilidade e fixou uma imagem do edifício como um antro de periculosidade e devassidão. Como resultado de uma campanha massiva contra a existência do que se nomeava por “o maior cortiço vertical do Brasil” ou “treme-treme”, o edifício São Vito e seu vizinho edifício Mercúrio são demolidos na gestão do Prefeito Gilberto Kassab em 2011.

Para quem já teve oportunidade de entrar no edifício São Vito como eu, é certo de que a demolição não é o melhor caminho. Construído pelos arquitetos Kogan & Zarzur em 1959 o prédio é conhecido pela arquitetura modernista. Possui 25 pavimentos residenciais totalizando 600 quitinetes, mais térreo e sobreloja com unidades comerciais e na cobertura um magnífico auditório que já foi palco inclusive de shows de artistas famosos em sua época áurea. Além disso, do topo do prédio é possível

ter uma visão magnífica de toda a cidade, só comparável com as vistas do edifício Itália e do edifício Altino Arantes. Nascimento. Douglas, Edifícios São Vito e Mercúrio serão demolidos (Instituto São Paulo antiga, 06/11/2008).

O depoimento acima demonstra que sujeitos que conviveram com as edificações acreditavam na importância da manutenção do imóvel, pelo papel que havia desempenhado e ainda por ser uma construção modernista. Menciona-se abaixo um projeto arquitetônico de requalificação para o Edifício São Vito, elaborado enquanto o edifício sobrevivia. Embora muito promissor não chegou ser viabilizado. Tinha como propostas atividades educativas, gastronômicas e culturais, que uma vez efetivado poderia ter trazido revitalização ao lugar.

Figura: 6 Edifício São Vito e edifício Mercúrio às margens do rio Tamanduateí

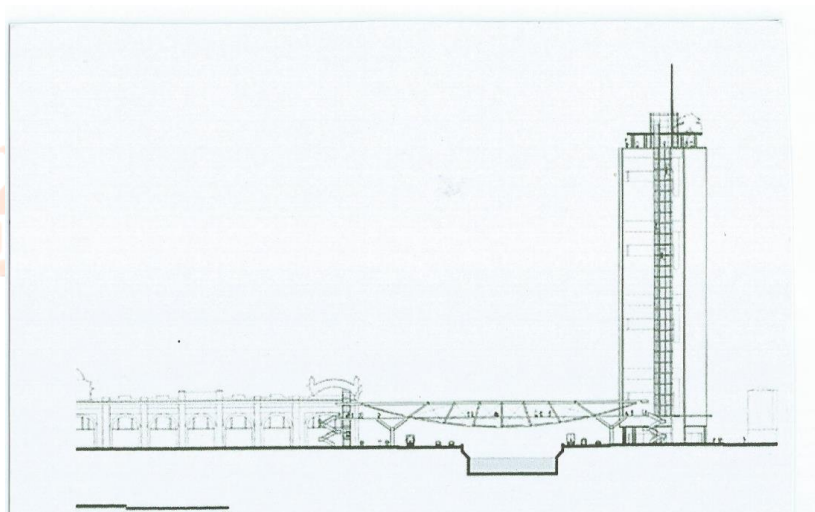


Fonte: <https://oespacopublico.com.br/2021/06/03/arranha-ceus-que-foram-ao-chao/> acesso em 31/08/2023.

Como mencionado acima, uma das propostas de requalificação do edifício São Vito foi apresentada em 2004 pelo escritório de arquitetura Roberto Loeb e Helena Saia, realizaram um projeto virtuoso, capaz de atender as demandas de moradores e mudar o contexto da região. A seguir registra-se as diretrizes do projeto:

- Para facilitar a sua administração, o novo edifício, com menor número de apartamentos, será dividido em dois condomínios verticais com 200 unidades cada, sendo cada um deles com seus acessos e escada independentes além de dois elevadores cada, com paradas em todos os andares;
- Na cobertura serão implantados uma creche em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, sendo atendida por elevador e escada independentes, e um mirante;
- No andar térreo será implantado um Telecentro, em parceria com a Secretaria Municipal de Comunicação e Informação Social;
- Ainda no andar térreo e na sobreloja será implantada uma Escola Técnica em Gastronomia em parceria com a Universidade Anhembi Morumbi (FONTES, 2004).

Figura 7. Projeto de requalificação para o edifício São Vito – Escritório Loeb e Saia



Fonte: <https://www.redalyc.org/journal/5139/513960249005/html/> acesso 31/08/2023.

O centro da cidade de São Paulo sofreu ao longo do tempo vários processos de mudança, em alguns serviu às elites, se transvestiu com a *Belle Époque* com um verniz afrancesado, se reconfigurou com as diretrizes das grandes avenidas de fundo de vale e o sonho americano, *american way of life*, com edifícios a moda estadunidense, repartições públicas, grandes lojas de departamentos, cinemas e o fluxo eletrizante dos carros.

Hoje as edificações que foram pulsantes se tornaram estruturas vazias na busca por novos sentidos, mais uma vez há a disputa pelo território, seja

pelas hordas de andarilhos que circulam pela região central, seja pela existência de novos espaços culturais na apropriação desses espaços com restaurantes, bares entre outras iniciativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que a cidade é o laboratório onde novas formas de viver são inventadas. A nova imagem da cidade está sendo reelaborada a partir de metáforas reinventadas para dar conta de processos especificamente urbanos: a formação da multidão, o desemprego, a falta de moradias, a criminalidade etc., (PECHMAN, 1994).

Sobre o estudo apresentado aqui, reitera-se que sua principal intenção foi despertar olhares sobre o direito à cidade, as práticas de cidadania, a atividade participante, os desafios e obstáculos em busca de moradia e da qualidade de vida. As ocupações mencionadas tanto os cortiços do bairro do Bixiga como ocupações e moradias verticais demonstram também a presença do migrante em momentos diversos, o que registra a intensidade de fluxos dos que chegam em São Paulo. As ocupações verticais revelam a potencialidade da cidade e as necessidades sociais de habitação. Dessa maneira, alguns olhares sobre a cidade de São Paulo fornecem pistas das experiências urbanas e ainda das relações humanitárias e educativas com respeito a moradia. Assim, é possível perceber a diversidade de cenários habitacionais, expulsões e movimentos de resistência, tendo em vista a cidadania e o direito à cidade.

Vale lembrar que os cortiços desde o início do século XX foram interpretados como uma “vergonha”, colocavam em risco a saúde da cidade, pois as epidemias causavam pânico aos habitantes. A reviravolta na condição de moradia em São Paulo aconteceu em um percurso desde os anos de 1940; sendo que na década seguinte os domicílios de aluguel representavam 58% das unidades habitacionais da capital (KOVARICK, 2009). A cidade em constante

crescimento gera a questão de moradia que colocou o morador naquilo que podemos chamar de “viver em risco”. Dessa forma com a chegada de novos habitantes, o aumento dos cortiços e habitações verticais precárias passam a prevalecer demonstrando a vulnerabilidade e marginalização da população pobre.

No século XXI a cidade de São Paulo expande ainda mais seu território, os funcionários e operários vão morar em periferias cada vez mais distante da região central, ou da região que se concentra a oferta de trabalho. O ideal rodoviário com as grandes avenidas, serve especialmente às camadas mais abastadas que utilizam o carro como transporte. Para os menos favorecidos resta o transporte público, com lotação excessiva e um longo tempo usado no deslocamento para ir e vir do trabalho. A periferia que vai sendo configurada a partir de loteamentos que podem ser clandestinos ou não, usam os primeiros moradores para reivindicar serviços públicos, tais como; água, luz, transporte, escolas e creches, postos de saúde, hospitais e dessa maneira estruturam o novo bairro, promovendo sua valorização. O dono da gleba que inicialmente disponibiliza a pior parte do terreno aos primeiros moradores, lucra quando se consegue estruturar o local.

O atual movimento é de expansão e alargamento das bordas da cidade que avançam incorporando novas regiões, esse mesmo fluxo de expansão expulsa a população mais pobre para cada vez mais longe e abandona áreas desvalorizadas. Nessas áreas há o tensionamento entre os que desejam expulsar a população pobre e a resistência dos movimentos que buscam resgatar a cidadania e os direitos à cidade como pudemos ver nos exemplos descritos.

O direito à cidade “só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada (...) o urbano, lugar de encontro, prioridade do valor de uso, inscrição no espaço de um tempo promovido à posição de supremo bem entre os bens, encontre sua base morfológica, sua realização prático-sensível” (LEFEBVRE, 2001:117). O direito à cidade é estabelecido pela presença ou

ausência do direito à cidadania, de uma cidade que aparta diferentes segmentos sociais em seus territórios diante de estigmas atribuídos. A permeabilidade e a convivência são promotoras de uma melhor qualidade de vida para todos na medida em que fortalece os laços entre as pessoas em seu território.

É preciso entender como a cidade é significada e como são os modos de viver e de habitar. O direito à cidade não pode ser concebido como um retorno as cidades tradicionais, deve ser formulada com direito à vida urbana, transformada e renovada (LEFEBVRE, 2001). A dinâmica em uma megalópole em movimento, requer atenção às questões humanísticas, pois por meio de exercícios democráticos que envolvem múltiplos atores há a possibilidade de transformar o espaço de moradia num lócus de cidadania.

REFERÊNCIAS

ALMA PRETA JORNALISMO. **Conheça a história do antigo Hotel Cambridge que era ocupação e agora é uma moradia acessível.** Disponível youtube.com watch. Postagem em 08/09/2022 Acessado em 31/08/2023.

BITAR, Renata. **Residencial Cambridge: 11 anos após ocupação, antigo hotel de luxo no Centro de SP vira conjunto de moradias populares.** Disponível: <https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com> Acessado em 31/08/2023

CAFFE, Eliane (diretora), **Era o Hotel Cambridge/ Curta! Cinema.** 2017. Disponível: youtube.com/watch v=dqw4w9gxchotelcambridge Acessado em 02/09/2023

FONTES, Maria Cecília Levy Piza. Processo de intervenção urbanística: requalificação do edifício São Vito. **Minha Cidade**, São Paulo, ano 05, n. 051.04, Vitruvius, out. 2004. Disponível: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/31.051/1992> acesso 31/08/2023).

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**, Paris, Université de France, 1950.

INSTITUTO SÃO PAULO ANTIGA, 06/11/2008. Disponível: <https://saopauloantiga.com.br/e-oficial-edificios-sao-vito-e-mercurio-serao-demolidos/> acesso em 31/08/2023.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco**. São Paulo: Editora 34, 2009.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LE GOFF, Jacques, **Por amor às cidades**, São Paulo, Ed. Unesp, 1998.

LUCENA, Célia Toledo. **Bixiga Revisitado**. São Paulo: Ibrasa, 2013.

LUCENA, Célia Toledo. Território do Bixiga: um espaço de identidade cultural. In: BASTOS, Senia (org). **Liberdade e Bixiga em perspectiva**. Rio de Janeiro: Provisório Produções: Modi Produções, 2021.

LUCENA, Célia Toledo, Patrimônio cultural italiano na cidade de São Paulo: Bixiga, um espaço singular. In: Silva, Suzana, Souza, Fernando, Ferreira Diogo. (coord.). **Em torno da E(I) Migração Ibérica para as Américas**. Açores/Portugal: Letras Lavadas, 2022.

MENEZES, Ulpiano, T. Bezerra, A Cidade como Bem Cultural. Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano. In: Mori, Vitor Hugo et al. **Patrimônio: Atualizando o debate**. São Paulo: 9º. SR/IPHAN, 2006.

MORENO, Júlio. **Memórias de Armandinho do Bixiga/Júlio Moreno**. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 1996.

PECHMAN, ROBERT MOSES. Olhares sobre a cidade. In: Pechman, Robert Moses(org). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994

PESAVENTO, Sandra, J. **História & História Cultural**, Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2008.

POLLAK, Michael. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Tradução de Dora Rocha Flauman. Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 30 ago. 2023.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, aos 20 de dezembro de 1990, **LEI Nº 10.911 DE 20 DE DEZEMBRO DE 1990** Disponível: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-10911-de-20-de-dezembro-de-1990> Acesso: 31/08/2023.

SANTOS, Boaventura, **Globalização e as Ciências Sociais**, São Paulo, Ed. Cortez, 2002.

SANTOS, Milton, **O espaço do cidadão**, São Paulo, Nobel, 1987.

SANTOS, Milton, Espaço e Método, Nobel, São Paulo, 1985. SCHULZ, Christian. N, O Fenômeno do Lugar, IN; NESBITT, K. **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**, São Paulo: Cosac Naify, 2006.

VERCELLI, Giulia M. **Reinventar para preservar. O histórico “Bexiga” na contemporaneidade**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Campinas, 2018.

RECEBIDO EM: 04/09/2023

PARECER DADO EM: 27/11/2023



www.revistafenix.pro.br